

Nelson Pereira inaugura cenário de Siron Franco

Concebido pelo artista plástico, em parceria com Jurandir de Oliveira, o cenário de *A Terceira Margem do Rio* não foi concluído mas já permite algumas locações

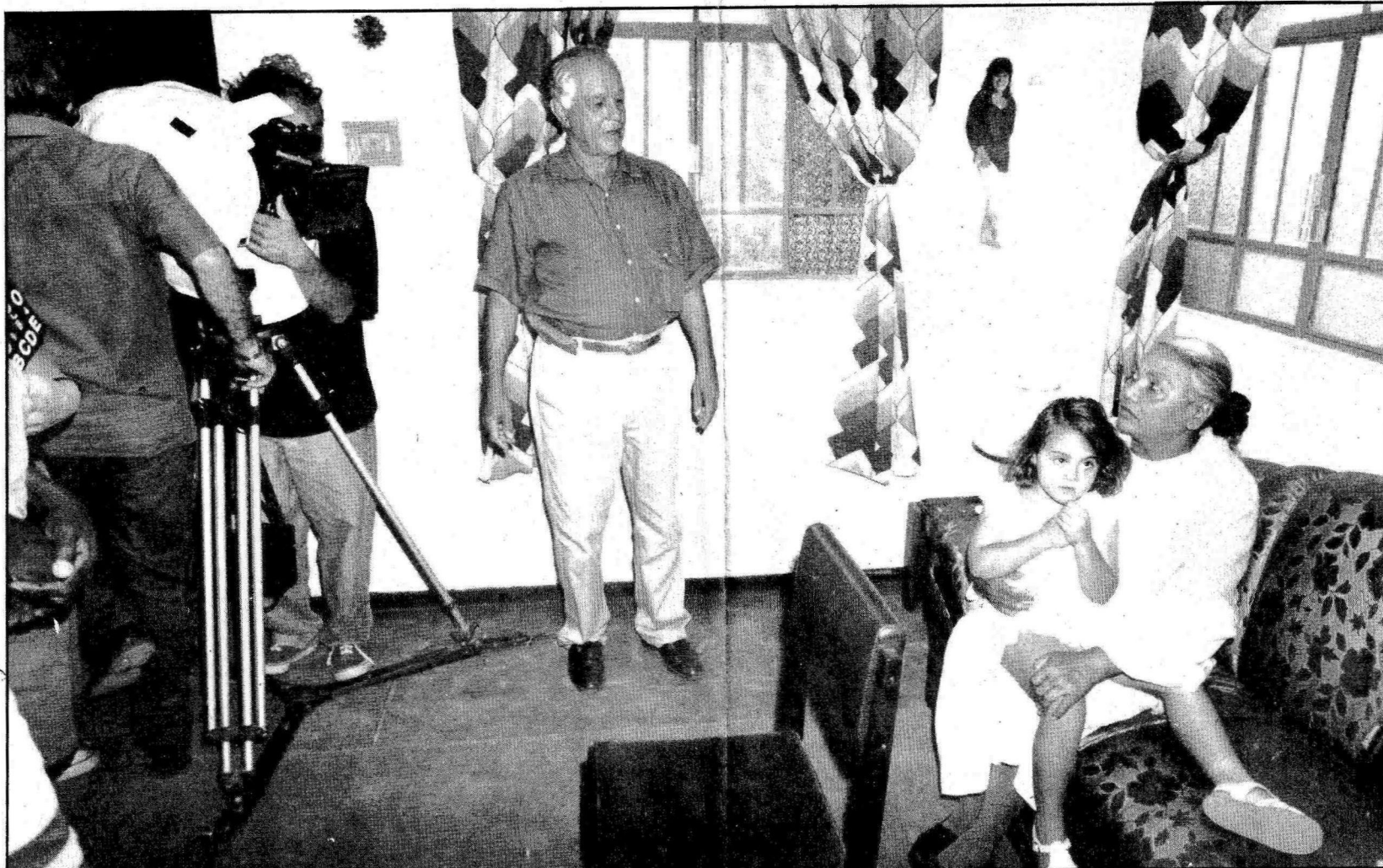
MARIA DO ROSÁRIO CAETANO

O cineasta Nelson Pereira dos Santos realizou, ontem, as primeiras filmagens de *A Terceira Margem do Rio*, seu 16º longa metragem, no cenário concebido pelo artista plástico Siron Franco (em parceria com o cenógrafo Jurandir de Oliveira). Trata-se de réplica de um assentamento da periferia brasileira. A obra ainda não foi concluída, mas já permite locações em sua rua principal e em algumas de suas dependências (delegacia, boteco, etc.).

Totalmente zen, Nelson, de 64 anos, desmanchou rumores de que vem enfrentando mil dificuldades. No Rio de Janeiro, nos meios cinematográficos, comenta-se que o cineasta e produtor está trabalhando com pouquíssimos recursos financeiros, mudanças frequentes na equipe técnica, e em estúdio (o primeiro do Pólo de Cinema e Vídeo do DF) que não passa de galpão improvisado.

Ele não nega as mudanças. O fotógrafo Gilberto Azevedo, responsável pelas imagens do filme em Paracatu e parte de Brasília, regressou à França. Findos os dois meses e meio de trabalho previstos no contrato, vai assumir novo projeto, no Marrocos. Foi substituído por Fernando Duarte, professor da UnB e um dos grandes fotógrafos brasileiros. A equipe de cenógrafos sofreu baixa parcial. Jurandir Oliveira, findo o prazo de contrato, regressou ao Rio, onde o aguardava projeto de um vídeo. Sua ausência foi coberta por Mauro Azevedo. Agora, está de volta ao ninho e cuida da finalização do cenário que reproduz o assentamento, ao lado de Eurico Cordeiro. Nos bastidores da cidade cenográfica (na sede campestre do pólo, em Sobradinho), comenta-se que Siron Franco não tem mais nada a ver com o projeto. "Como", pergunta Nelson, com sua calma secular. E responde: "Claro que o Siron é autor do projeto original do cenário que estamos ocupando agora. Bobagem dizer o contrário".

Compromissos da atriz francesa Sonjia Saurin obrigaram a produção a acelerar o término de suas seqüências no filme. Afinal, ela desembarcou no Brasil, no carnaval, para oito semanas de trabalho. Está aqui há 17. Penou com o calor escaldante de Paracatu e com os mosquitos que habitam as margens do rio, principal cenário da primeira fase. Em Sobradinho, enfrentou a precariedade das primeiras instalações do Pólo de Cinema. Mesmo assim, leva do Brasil e da experiência de ter trabalhado com Nelson Pereira dos Santos as melhores lembranças. E mais um idioma no seu currículo de atriz poliglota. Soma ao francês materno, ao inglês, italiano e



Nelson Pereira dos Santos dirige um take de *A Terceira Margem do Rio*, seu 16º longa-metragem, com Maria Ribeiro e a menina Barbara Brandt

Fotos: Raimundo Paccó

castelhano, a língua de Guimarães Rosa.

Pouco dinheiro — Nelson admite duas dificuldades na produção de *A Terceira Margem do Rio*: "pouco dinheiro e alguns acidentes de percurso". No primeiro caso, coloca atrasos na liberação dos financiamentos (pela parte brasileira, do BRB, e pela parte francesa, de organismos estatais). Aguarda, agora, liberação de recursos da prefeitura do Rio, via Riofilmes (além dele, foram selecionados os filmes *Mil e Uma*, de Suzana Moraes, e *Era uma Vez*, de Arturo Uranga), e do Banespa (Programa de Apoio ao Cinema Brasileiro). Isto, sem falar em ansiada parcela dos anunciados US\$ 25 milhões da extinta Embrafilme, que o presidente Itamar Franco liberou para salvar "em caráter emergencial" o cinema brasileiro. Até agora, nenhum centavo destes recursos foi liberado.

No terreno dos acidentes, Nelson lembra que o ator principal, Ilya São Paulo (o vaqueiro Lijorge) quebrou o braço, ainda em Paracatu. Até sua plena recuperação, as filmagens sofreram grandes embaraços. Muitos takes, por razões diversas, tiveram que ser refeitos. Em breve, o cineasta regressará a Paracatu para efetuar indispensáveis retakes.

O fato de consumir cinco meses de trabalho, num filme que deveria ter sido realizado em oito ou nove semanas, não assusta o cineasta. "Já estou acostumado", avisa. "*Vidas Secas* me consumiu durante oito meses, no sertão do Nordeste". Ele tem experiências menos demoradas. O longo (e belo) *Memórias do Cárcere*, de quase três horas de duração, foi produzido em 16 semanas (menos de quatro meses). É preciso, porém, lembrar que o filme foi realizado no Estado do Rio, com Luiz Carlos Barreto no comando da produção e a Embrafilme na retaguarda. Agora, sem Barretão, sem Embrafilme e sem dinheiro, Nelson enfrenta todas as adversidades.

Viagens — Há quem atribua os atrasos nas filmagens a duas viagens que o cineasta fez à Europa. Na primeira, mês passado, foi a Nanterre, receber título de *doutor honoris causa*. Aproveitou e deu uma esticada até o Festival de Cannes. No início deste mês, foi a Tróia, em Portugal, receber o Troféu Golfinho de Ouro (atribuído a ele e a Lauren Bacall) e múltiplas homenagens dos organizadores do festival lusitano.

"Nenhuma destas viagens" — assegura — "atrapalhou o plano de filmagens. Deixei minha assistente, Luélane Correa, cuidando de tudo; Waldyr Onofre concluiu a seleção de atores secundários e figurantes; a produção elaborou novos planos de trabalho; e cenógrafos e figurinistas adiantaram suas tarefas. Tudo se desenvolveu normalmente".